

Artigo de Marcelo Henriques de Brito publicado no Valor Econômico de 26 de fevereiro de 2009 página D2

D2 Valor Quinta-feira, 26 de fevereiro de 2009

EU& Investimentos

A utilidade do Índice Big Mac para os investidores

PALAVRA DO GESTOR



MARCELO H. DE BRITO

Parece até piada afirmar que os preços em dólares do sanduíche Big Mac possam apontar possíveis variações nas taxas de câmbio. Foi precisamente com essa intenção que a revista britânica "The Economist" começou a publicar a partir de 1986 para diversos países valores do Índice Big Mac, que quantifica em quanto o preço em dólares num país supera, ou não, o preço médio vigente nos Estados Unidos.

Todos os valores seriam iguais a zero se o sanduíche fosse vendido em qualquer lugar pelo mesmo

preço em dólares. Uma vez que variações de poder aquisitivo e particularidades dos pontos de venda também afetam preços, era de antemão possível prever a não-uniformização mundo afora dos preços do Big Mac em dólares, ainda que o famoso sanduíche fosse um produto mundial.

Era, portanto, inusitado encontrar nas várias listas publicadas pela "The Economist" entre 1986 e 2009 valores do Índice Big Mac iguais ou mesmo próximos a zero. Se por um lado certos países apresentavam valores constantemente elevados — como a Suíça —, havia outros países — como a China — cujo índice era sistematicamente um dos mais negativos no mundo, fato reiterado na edição de 24 de janeiro de 2009 da revista. Existiam ainda países, como a África do Sul, cujos valores do indicador oscilavam de forma marcante ao longo do tempo.

Já uma série de 24 valores entre 1994 e 2009 revelava como o Índi-

ce Big Mac do Brasil apresentava um dos comportamentos mais atípicos, sendo um caso excepcional o seu constante e assombroso crescimento de -41% a +33% entre 2004 e 2008, refletindo, inclusive, a notável valorização do real ante o dólar naqueles anos, o que não poderia perdurar para sempre.

A variação do Índice Big Mac de um país sinaliza se o reajuste do preço em dólares do sanduíche é maior ou menor do que o reajuste nos Estados Unidos em um dado período. Como demonstrei em detalhe no trabalho "International Pricing Strategy: Why Prices Rise and How Prices Change", apresentado no 8º Encontro Brasileiro de Finanças, realizado em 2008 no Ib-mec-RJ, se não era mandatário que um país apresentasse o mesmo nível de preços que os EUA, por outro lado eram similares as médias dos reajustes anuais de preços em dólares entre os países.

Pelos mercados estarem interligados e serem competitivos, se

num ano o reajuste num país ficava abaixo ou acima da média mundial, era muito provável que o reajuste em dólares no período anual subsequente fosse respectivamente maior ou menor. Isso resultava não apenas em como o mercado interno interagira com as mudanças de preços na moeda local, mas também dependia das variações cambiais. Enquanto a valorização de uma moeda ante o dólar podia arrefecer os reajustes na moeda local, uma desvalorização cambial em geral encerrava um período quando o reajuste em dólares superava, em muito, à média mundial. A validade dessas ideias foi também comprovada com outros dados oriundos de várias edições da pesquisa "Prices and Earnings Around the Globe", do banco UBS.

Como os valores do Índice Big Mac para vários países aumentaram muito entre julho de 2007 e 2008 — e por ser improvável uma redução de preços nas moedas locais —, parecia ser iminente a des-

valorização do euro e também do real em relação ao dólar, como de fato ocorreu. O Índice Big Mac para o Brasil, que era 33% em julho de 2008, caiu para -4% em janeiro de 2009. A queda só não foi maior porque houve um aumento do preço do sanduíche em reais no frequente esforço de repasse da desvalorização cambial aos preços locais, mesmo para produtos não envolvidos no comércio exterior.

Persiste, entretanto, a possibilidade de o Índice Big Mac do Brasil cair mais, observando que, entre os anos 2000 e 2003, os valores estavam abaixo de -30%. Já entre 1998 e 2000, houve uma forte queda do referido índice e que 24 valores entre 1994 e 2009 acarretavam a média de -17%.

Pode ser útil a investidores acompanhar regularmente a evolução dos preços do sanduíche no mundo e as correspondentes taxas de câmbio a fim de detectar possíveis variações cambiais significativas a partir de prováveis correções de rumo do

índice ao encontro de "valores usuais" para um país. Uma limitação desta forma de previsão é não ser possível indicar exatamente quando haverá uma mudança cambial e sua magnitude, embora posteriormente possa ficar evidente que a ocorrência era inevitável. Esta constatação reforça a ideia atribuída ao filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard: "A vida só pode ser compreendida para trás, mas precisa ser vivida para frente."

Marcelo Henriques de Brito é sócio da Probatius Consultoria, diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro e possui a certificação Certified Financial Planner (CFP)

E-mail: probatus@probatius.com.br

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.